

CONTRIBUIÇÕES DA COMPETIÇÃO DE TÊNIS NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE CRIANÇAS

TENNIS COMPETITION'S CONTRIBUTIONS TO CHILDREN'S EDUCATION AND PERSONAL DEVELOPMENT

Gabriel Henrique Treter Gonçalves¹, Roberto Tierling Klering¹, Hannah Aires¹ e Carlos Adelar Abaide Balbinotti¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, Brasil.

RESUMO

Este estudo trata da competição de tênis infantil e sua relação com a educação e formação de crianças. O estudo se justifica pelo fato do tênis ser um esporte que culturalmente valoriza aspectos morais e éticos e por ter recentemente alterado suas regras para competições infantis. O objetivo geral do estudo é descrever e explorar o atual modelo competitivo de tênis das categorias até 10 anos quanto aos seus aspectos educativos e de formação pessoal, segundo a opinião de especialistas. Foram entrevistados onze treinadores de tênis com experiência na área e os resultados indicaram uma importante evolução com relação ao modelo competitivo anterior. No entanto, algumas adequações ainda parecem necessárias. As principais seriam: novas modalidades competitivas, tornando o esporte mais inclusivo e educativo; maior valorização do empenho, consequentemente menor foco no resultado; e maior número de participações competitivas, podendo-se alterar formatos competitivos e calendário.

Palavras-chave: Tênis. Esporte. Educação.

ABSTRACT

This study addresses the Tennis 10's competition and its relation to children's education and personal development. The study justifies itself as tennis is a sport that values moral and ethical aspects and changed recently its rules in children competitions. The aim of this study is to describe and explore the current child tennis competition model in its educational and personal developmental aspects, according to specialists' opinions. Eleven coaches with expertise in the area were interviewed and the results showed an important evolution with the new model compared to the previous. However some adjustments still seem necessary. The main ones would be: new competitive modalities, turning the sport more inclusive and educational; greater value to effort, consequently minor focus in results; and higher number of competitive participations, being able to alter competitive formats and calendar.

Keywords: Tennis. Sport. Education.

Introdução

O tênis é um esporte com aproximadamente 140 anos de história. Surgido na Inglaterra na década de 1870, se tornou um esporte olímpico e é, atualmente, um dos esportes mais praticados no Brasil, com aproximadamente 1,5 milhão de jogadores^{1,2}. O tênis vem sendo cada vez mais estudado no Brasil e já apresenta número de publicações importante em algumas áreas, como psicologia do esporte³⁻⁵, desenvolvimento técnico-tático⁶⁻⁸ e treinamento esportivo⁹⁻¹¹. Contudo, a pedagogia do esporte voltada ao tênis ainda carece de estudos.

Alguns autores¹²⁻¹⁵ sugerem que a pedagogia do esporte não deve limitar-se ao ensino dos movimentos, como aspectos relacionados à técnica e à tática. Segundo estes autores, aspectos educacionais, de inclusão, éticos e morais são tão importante quanto os apresentados anteriormente e devem fazer parte da condução e ensino do esporte.

A competição esportiva, por sua vez, é a essência do fenômeno Esporte¹⁶⁻¹⁸. No entanto, é pouco explorada em seus aspectos pedagógicos específicos. Portanto, o presente estudo trata da competição de tênis infantil em uma perspectiva de educação e formação pessoal de crianças com até 10 anos de idade, a partir do modelo competitivo adotado pela

Confederação Brasileira de Tênis (CBT). A escolha deste esporte se justifica, primeiramente, pelo fato do tênis ser um esporte que, culturalmente, valoriza aspectos éticos, morais, de respeito ao adversário e ao próprio esporte. Além disso, a recente alteração das regras nas competições de tênis das categorias até 10 anos¹⁹ justificam uma maior atenção pedagógica. Por fim, pode-se afirmar que o fenômeno da competição infantil institucionalizada é recente, se comparado ao fenômeno esportivo, e vem ganhando espaço gradualmente no cenário esportivo mundial²⁰.

A competição esportiva possui diversos significados e funções²¹. Destaca-se aqui a função educativa e formativa. Neste sentido, Marques¹⁷ propôs um modelo de educação e formação de crianças através da competição esportiva, estabelecendo três aspectos essenciais na formatação destas competições: a) práticas competitivas conforme as capacidades, interesses e necessidades da criança; b) número e frequência de participações competitivas adequados; c) ter a competição como elemento estruturante de toda a formação esportiva.

A primeira categoria é justificada, em um primeiro momento, por diversos autores do desenvolvimento motor²²⁻²⁴. Segundo estes e outros autores, as crianças nesta faixa etária possuem características únicas: físicas, como ganhos de estatura que variam de 5,0 a 7,5 centímetros por ano^{22,23}; motoras, como surpreendentes melhoras nas habilidades motoras finas e na coordenação óculo-manual²⁴; e psicossociais, como o desenvolvimento do autoconceito e da noção de competência²³. Ainda neste contexto, é consenso na educação física de que a criança não é um adulto em miniatura; portanto, as competições infantis não devem reproduzir os modelos competitivos de adultos^{17,25-27}.

Tendo em vista estas características, a Federação Internacional de Tênis (ITF) criou um modelo de competição no qual instituiu novas dimensões de quadras e redes, pressão e velocidade das bolas, e ainda sugeriu partidas com menores durações e novos formatos de disputa (ver Quadro 1). Este tipo de adequação, segundo Marques¹⁷, é necessário para que qualquer criança tenha condições de competir.

Categoria	Bola	Quadra	Altura da rede**
8 anos	Espuma ou feltro (75%*)	11 x 5,5 m	80 cm
9 anos	Feltro (50%*)	18 x 6,5 m	80 cm
10 anos	Feltro (25%*)	Quadra oficial	91 cm

* Mais lenta, em comparação à bola oficial; ** No centro.

Quadro 1. Materiais e dimensões instituídas pela ITF¹⁹ para as competições infantis de tênis.

Fonte: Os autores

Estas adequações no tênis infantil vêm sendo discutidas nos últimos anos²⁶⁻³³. A maioria apresenta modelos de ensino e competição sugeridos por diferentes federações. Os estudos que analisaram o número de adequações nos regulamentos competitivos no tênis infantil e infantojuvenil^{26,27}, de forma geral, concluíram que as adequações identificadas eram insuficientes para as necessidades das respectivas populações. O estudo de Klering³³, inclusive, questiona a influência dos modelos competitivos no treinamento e formação técnico-tática de tenistas infantojuvenis.

O número e frequência de participações competitivas, pode-se dizer que é um tema que está longe de ser consenso na literatura. Enquanto alguns autores^{34,35} afirmam que para a faixa etária menor de 10 anos é recomendada pouca ou nenhuma competição, outros^{17,25,36} afirmam que é justamente nesta fase que a competição deve se fazer mais presente.

Os primeiros se apoiam na afirmação de que a criança não está tecnicamente preparada para a competição e que a competição nestas condições pode gerar traumas. Enquanto isso, aqueles defensores da competição infantil afirmam que propiciando um número elevado de experiências competitivas, as crianças possuem mais oportunidades de vivenciar tanto vitórias quanto derrotas. As próprias ITF e CBT sugerem formatos de competições que propiciem um número mais elevado de partidas, refutando o formato eliminatório simples, que imperava no tênis. Barrell²⁸ aponta essa como uma alternativa para evitar abandonos precoces causados pelas derrotas. Jogando mais, a criança tende a aprender mais e permanecer mais motivada, pois o esporte faz sentido para elas¹⁷. As vitórias e derrotas estão diretamente relacionadas à terceira categoria sugerida por Marques¹⁷, pois é a partir destas experiências que o autor afirma que deve se dar toda a formação esportiva da criança.

Lima¹⁶ afirma que a competição esportiva é o instrumento pedagógico mais importante na formação da criança. Desconstruir a relação entre vitórias e derrotas reduziria o esporte a algo sem sentido, que o afastaria do seu real significado, especialmente para a criança¹⁷. No entanto, a simples participação da criança no esporte não é, em si, boa ou má. A qualidade desta participação – ser significativa para a criança e ser baseada em conceitos pedagógicos – que vai definir se os efeitos serão benéficos ou prejudiciais³⁷. Tanto a vitória quanto a derrota possuem significados pedagógicos e, se encaradas da forma correta, tanto pelo treinador quanto pelo atleta, podem servir como experiências positivas para a vida^{38, 39}.

Para que o poder educativo da competição seja reforçado, seria necessário tornar as derrotas menos dramáticas e relativizar as vitórias^{17,40}.

Com base nestas informações, estabelecem-se os objetivos central e específicos do presente estudo. O objetivo central foi verificar se a competição de tênis das categorias até 10 anos cumpre os objetivos de educação e formação pessoal de crianças. Por sua vez, os objetivos específicos foram:

- Verificar se a prática competitiva de tênis das categorias até 10 anos está adequada às capacidades (físicas, motoras e cognitivas), necessidades (psicológicas e sociais) e interesses das crianças dessa faixa etária;
- Verificar se o número e a frequência de participações competitivas de tênis nas categorias até 10 anos estão adequados com o proposto por Marques¹⁷;
- Verificar se as vitórias e as derrotas decorrentes das competições de tênis das categorias até 10 anos representam potencialidades educativas.

Cabe destacar que todos os objetivos foram estabelecidos para serem cumpridos a partir da opinião de treinadores experientes e reconhecidos pela comunidade como referências no treinamento de crianças tenistas.

Métodos

O presente estudo está sustentado nos pressupostos da metodologia qualitativa, cujo modo de investigar emprega “técnicas de investigação centradas em procedimentos hermenêuticos que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana”⁴¹. Assim, este estudo se propôs a utilizar informações obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com especialistas⁴² – treinadores de tenistas das categorias até 10 anos. Este tipo de entrevista possibilita certa liberdade para o entrevistado expor suas ideias e conhecimentos ao mesmo tempo em que torna o entrevistador peça importante na condução do processo.

Os entrevistados

É importante ressaltar que o número de entrevistados não foi definido *a priori*. Portanto, foram realizadas entrevistas até que ocorresse a saturação das informações,

identificada a partir de padrões simbólicos, práticos, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e recorrências⁴³. A saturação teórica das informações ocorreu com 11 treinadores entrevistados. Os treinadores participantes do estudo não necessariamente possuíam graduação em Educação Física (8 educadores físicos; 2 ex-atletas; 1 ex-boleiro/gandula), visto que, culturalmente, muitos professores de tênis são ex-jogadores ou profissionais provisionados^{44,45}. Contudo, foi exigido mais de cinco anos de experiência na área especificada, período no qual o profissional atinge a fase de estabilização da carreira⁴⁶. Os treinadores apresentaram 17,81 anos de experiência na área, superando ainda a sugestão de Ericsson⁴⁷ para a identificação de um expert. O tempo de atuação é especialmente relevante neste estudo quando considerada a experiência prática da transição entre os modelos competitivos antigos e o vigente.

O roteiro de entrevista

O roteiro de entrevista foi composto de 10 itens, cuidadosamente formulados com base nas categorias propostas por Marques¹⁷. Salienta-se que o mesmo foi submetido a uma entrevista piloto a fim de adequar ainda mais as questões conforme os conhecimentos dos entrevistados. Este processo é fundamental para o bom andamento das entrevistas subsequentes.

Procedimentos éticos e de entrevista

Quando identificado o possível participante, fazia-se o contato inicial por telefone. Assim que demonstrado o interesse em participar da pesquisa, era agendado o encontro. Neste momento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido era assinado, autorizando a divulgação das informações para finalidades científicas.

A aplicação das entrevistas foi realizada individualmente, sempre pelo mesmo entrevistador em um local da preferência do entrevistado. As entrevistas foram gravadas com um gravador digital de áudio para que não fossem perdidos dados importantes. Após a gravação das entrevistas, foram realizadas as transcrições e análises dos conteúdos orais. Concluídas as transcrições, essas foram encaminhadas aos entrevistados. Assim, os mesmos puderam avaliar o conteúdo transcrito, refutando-o, aprovando-o ou aprovando-o com correções. Conforme previamente acordado, foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas informações que os treinadores concordaram em expor.

Foram observadas as questões éticas inerentes à pesquisa com seres humanos conforme previsto na Resolução do Ministério da Saúde nº 466/2012. Cabe ressaltar que a presente pesquisa faz parte de um projeto guarda-chuva intitulado “Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório” e que o mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número de protocolo 271526.

Análise das entrevistas

A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir de uma metodologia essencialmente qualitativa, seguindo um conjunto de técnicas sugeridas por Bardin⁴⁸. A análise foi constituída, inicialmente, pela elaboração dos objetivos da pesquisa, suas hipóteses, questões norteadoras e, por fim, da seleção do material a ser analisado – as entrevistas. Neste momento foram formuladas e determinadas as categorias de análise (categorização *a priori*) – categorias estabelecidas por Marques¹⁷. No entanto, abriu-se a possibilidade para o surgimento de novas categorias conforme as respostas dos especialistas (categorização *a posteriori*).

Durante todo o processo foi realizado um estudo dos materiais obtidos, no qual houve a codificação e classificação de trechos das entrevistas nas categorias pré-definidas. Também, conforme Bardin⁴⁸, foram estabelecidas subcategorias para uma melhor interpretação. Por fim, os códigos passaram por uma análise de frequência de suas ocorrências no decorrer das entrevistas a fim de estabelecer categorias e/ou subcategorias *a posteriori*. Os trechos selecionados das transcrições (e aqui apresentados) foram elegidos conforme a sua representatividade para o grupo de entrevistados.

Apresentação e discussão dos resultados

Primeiramente, os treinadores foram questionados com relação à sua concepção da importância das competições esportivas infantis. Todos se mostraram a favor deste tipo de competição, justificando-se principalmente pelos seguintes motivos: socialização, aprendizagem em geral, desenvolvimento de valores como honestidade e respeito, entre outros. Esta concepção e justificativas estão de acordo com diversos autores^{16,17,25,37} e são fundamentais para a continuidade do estudo.

A categorização das respostas, realizada por meio da análise de conteúdo, permite a criação de uma tabela explicativa que, por sua vez, apresenta as categorias estabelecidas *a priori* – com suas respectivas subcategorias – e as subcategorias oriundas da fala dos entrevistados (estabelecidas *a posteriori*) – com suas respectivas frequências de ocorrência (Tabela 1). Os resultados e suas respectivas discussões serão apresentados de acordo com a tabela, priorizando as categorias com maior frequência de ocorrência.

Tabela 1. Categorias de análise das entrevistas

Categorias <i>a priori</i>	Subcategorias*	Subcategorias <i>a posteriori</i> (ocorrências)	
Adequações das competições	Materiais e dimensões	Modalidades competitivas (11)	Até 8 anos (10)
	Categorias competitivas		9 anos (10)
	Formatos de competição		10 anos (10)
Número e frequência de participações	Oficiais	-	
	Não oficiais		
Formação esportiva	Vitórias e derrotas	Saber vencer/perder (8)	
		Conduta e disciplina (6)	
		Valores (5)	
		Social (5)	

*respondidas por todos os entrevistados.

Fonte: Os autores

As adequações das competições no tênis infantil

Materiais e dimensões das quadras

Os métodos de ensino do tênis já vinham sendo adaptados às capacidades e necessidades das crianças há algum tempo³². Contudo, a competição não acompanhava esta tendência. Portanto, a alteração do modelo competitivo, em 2012, veio a dar suporte a uma proposta que, por muitos, já era aplicada.

Para quem já trabalhava dessa maneira, adaptada, com crianças foi um alívio, porque, até então, parecíamos estar fazendo algo absurdo [...]. O problema é que o nosso aluno aprendia aqui assim, mas não conseguia jogar em outros lugares, pois quase todos usavam o modelo adulto, sem adaptação alguma. Sofríamos muitas críticas por isso (ENTREVISTADO 4).

De forma geral, os entrevistados relataram haver uma importante colaboração das competições com materiais adequados no desenvolvimento da técnica. Contudo, observam a

difficuldade de algumas crianças de adequarem-se principalmente às regras da categoria “10 anos”. Esta foi a categoria competitiva com maior número de sugestões de alterações. Foram sugeridas alterações principalmente nas dimensões da quadra, justificadas pela incapacidade da criança em conseguir cobrir sua dimensão, realizar jogadas de aproximação à rede, e dificuldade de desenvolver o saque como golpe ofensivo. Estes resultados estão de acordo com afirmações de Tennant³¹, o qual afirma que a diferença no tamanho da quadra da categoria “9 anos” para a categoria “10 anos” é muito grande e acaba por tornar “virtualmente impossível a realização de algumas jogadas” importantes no tênis³¹. Este tipo de constatação por parte dos treinadores permite sugerir que deficiências no desenvolvimento de combinações de jogadas nas categorias a partir de 11 anos, verificado por Klering³³, podem ser oriundas de um desenvolvimento deficitário prévio.

A maioria dos treinadores ressaltou que, para que o modelo fosse realmente inclusivo, no sentido de todos serem capazes de participar das competições, as crianças deveriam passar por todos os estágios – categoria “Até 8 anos” e “9 anos” para, por fim, chegar à categoria “10 anos”. No entanto, o que deve ser feito com aqueles que iniciam “tardamente” nestas categorias competitivas?

As categorias competitivas

Quando questionados com relação às categorias competitivas, os treinadores afirmaram, inicialmente, estarem de acordo. Os mesmos justificaram a aceitação das categorias competitivas divididas ano a ano com base em autores do desenvolvimento humano²²⁻²⁴. De fato, segundo estes autores, crianças menores de 10 anos apresentam um desenvolvimento físico e motor que se diferencia de forma importante a cada ano, impossibilitando o estabelecimento de categorias competitivas mais abrangentes.

Ainda, com base nos autores clássicos do desenvolvimento humano²²⁻²⁴, pode-se sugerir competições mistas, entre meninos e meninas, nestas categorias. Os autores destacam que seus desenvolvimentos maturacionais não diferem de forma importante nestas idades. Além disso, segundo Moely, Skarin e Weil⁴⁹, a competitividade em meninas é mais estimulada quando em confronto com adversários do sexo oposto. Portanto, mais um motivo favorável a esta ideia.

A fim de responder o questionamento levantado ao final do último tópico, os Entrevistados 2 e 10 sugeriram a criação de categorias competitivas conforme o nível técnico.

O certo seria, com crianças que não possuem um bom amadurecimento das habilidades motoras, trabalhar com a bola que elas conseguem, para depois avançar. Não pular etapas. [...] então eu acho que poderia, sim, mudar. Tendo categoria A, B, C, para poder fazer o mais homogêneo possível (ENTREVISTADO 2).

Esta sugestão corrobora com Tennant²⁹, o qual recomenda que sejam oferecidas e realizadas competições de tênis regulares para todos os níveis de habilidades.

Segundo Platonov⁵⁰, deve participar de competições somente aquele indivíduo que está apto para acompanhar as exigências técnica, física e tática da competição. De forma geral, os entrevistados concordam com esta sugestão. Porém, o Entrevistado 9 sugere, nos casos em que a criança não se enquadra, o estabelecimento de “objetivos de rendimento”, como o mesmo se refere, ou “objetivos de performance”, conforme Silva⁵¹. Neste caso, o objetivo principal não seria a vitória, mas, sim, obter um rendimento e uma evolução dentro de sua realidade, premiando o progresso e esforço²⁹. Esta proposta está de acordo com o Contexto Motivacional para a Maestria⁵², o qual se baseia em avaliações autorreferenciadas, incentivando a autonomia na tomada de decisões por parte dos alunos. Nesta proposta, existe uma grande valorização do esforço de cada indivíduo, especialmente quando este busca

atingir sua melhor performance individual⁵². Esta concepção está de acordo com o que Paes e Balbino¹⁵ priorizam em um esporte pedagógico e não reducionista.

Apesar de estarem de acordo com as categorias competitivas propostas pelas competições de tênis infantil, os Entrevistados 4, 10 e 11 sugerem ainda a criação de uma categoria anterior a “Até 8 anos”. Esta proposta se enquadraria parcialmente no que hoje se conhece por Baby Tennis, amplamente difundido em alguns países como na França⁵³, e com uma proposta da Federação Belga de Tênis³⁰.

Os formatos de competição

Segundo Barrell²⁸, um dos fatores chave na estruturação das competições de tênis é o formato da competição. O formato da competição pode determinar, por exemplo, quantas vezes uma criança vai jogar e, conseqüentemente, quantas oportunidades ela vai ter de vencer ou perder e quão significativa vai ser esta experiência. Tendo isto em vista, foi questionado aos entrevistados quanto à opinião dos mesmos, relativa aos formatos de competição propostos pelo modelo atual de competição no tênis infantil e o que tem sido feito nas competições das quais seus alunos participam.

Os entrevistados se mostraram, de forma geral, a favor dos formatos empregados nas competições oficiais, apesar de algumas não seguirem estritamente o indicado pela ITF e CBT. Na categoria “Até 8 anos” o formato *Round Robin* (todos contra todos) parece ser o mais adequado, oportunizando um grande número de partidas a todos os competidores. Nas categorias “9 anos” e “10 anos”, o formato de competição é composto por uma primeira fase de grupos, na qual é realizado um *Round Robin*, classificando-se os melhores dos grupos. A partir daí, estes classificados disputam partidas eliminatórias até que haja um campeão. Apenas os Entrevistados 3 e 6 creem que o formato ideal seguiria sendo *Round Robin*.

De certa forma, os entrevistados afirmaram que as competições atendem aos interesses e necessidades destas crianças, concordando com autores de referência na pedagogia do esporte^{16, 17, 25} e específicos do tênis^{28,29}, abolindo o modelo eliminatório e oportunizando experiências mais ricas às crianças.

A opção por diminuir o caráter eliminatório do tênis vem sendo proposto pela ITF há algum tempo. Hoje, o indicado pela CBT são competições que oportunizem mais jogos para todos os participantes. Sugerem formatos como “Chave de consolação”, formando um torneio paralelo com aqueles que perdem na primeira rodada, e *Feed-In*, que proporciona número de partidas iguais para todos os participantes⁵⁴.

O formato da competição interfere de forma importante na riqueza e significância da competição para a criança²⁸. Sendo assim, possuem forte relação com a próxima categoria, oriunda da fala dos entrevistados, específica da competição de tênis e relacionável às adequações das competições infantis: as modalidades competitivas.

As modalidades competitivas

As modalidades de competição no tênis infantil é um tema pouco tratado pela literatura e, neste estudo, tornou-se uma categoria oriunda da fala dos entrevistados. Todos os treinadores se mostraram muito favoráveis à realização de competições em duplas e em equipes, destacando a interação com outras crianças, a cooperação, a divisão de responsabilidades e, inclusive, o desenvolvimento técnico como fatores positivos destes jogos.

Seria um bom jeito de iniciar, de dividir um pouco a pressão, a responsabilidade da competição para as crianças mais novas [...]. O trabalho cooperativo, trabalho em grupo, harmonia com o sexo oposto... a dupla mista é bem rica nestas experiências, bem interessante. Acho que deveria ser uma

prática utilizada (ENTREVISTADO 3).

A opinião dos treinadores corrobora com a literatura, a qual afirma que o jogo constitui uma poderosa força socializante nesta faixa etária. É considerada importante para o desenvolvimento de habilidades como solução de problemas, criatividade, linguagem e movimentos em geral. A brincadeira é crucial para o aprendizado das regras da sociedade e de muitas habilidades fundamentais para o funcionamento nessa sociedade⁵⁵. Segundo os mesmo autores, por meio da participação em equipes, a criança aprende a trabalhar com a intenção de concretizar os objetivos do grupo ou da equipe, ao mesmo tempo em que está subordinada aos objetivos pessoais – o que constitui um grande avanço no desenvolvimento para aqueles que ainda podem estar tentando superar o egocentrismo⁵⁵.

A categoria “Até 8 anos” utiliza o formato de competições por equipes. Contudo, alguns entrevistados ressaltaram o desejo de que esta prática fosse importada às competições das categorias “9 anos” e “10 anos” também. Justificam que, além das contribuições na formação pessoal da criança, a prática em equipe e a variação das atividades podem contribuir no desenvolvimento de aspectos que não seriam priorizados nos jogos de simples. Estes são aspectos destacados tanto pelos entrevistados quanto pela literatura^{29,51}. Diversos autores ressaltam a importância da variação de estímulos e experiências para o desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial da criança⁵⁵⁻⁵⁷.

Marques¹⁷ resalta a importância de se pensar a competição conforme as necessidades e interesses das crianças. Neste caso, o tênis, oportunizando experiências além do esporte individual, parece ser uma alternativa. Para a construção de modelos mais adequados, o autor sugere a possível desconstrução do que já existe, mesmo que isso, de alguma forma, possa descaracterizar o esporte. Neste sentido, Silva⁵¹ e Marchon⁵⁸ propõem competições que mesclam atividades relacionadas ao tênis com jogos coletivos, coordenativos e de estafeta, concordando com a proposta de criação de gincanas elaborada pelo Entrevistado 5.

Eu acho muito interessante o formato por equipes, mas eu só tenho visto esse formato na categoria “Até 8 anos”. Eu acho que seria muito interessante um formato meio gincana, em que eles teriam mais espírito de equipe, de torcer um pelo outro (ENTREVISTADO 5).

À medida que a criança se aproxima da adolescência, a influência da família, em geral, começa a diminuir e o grupo de pares torna-se uma força social cada vez mais importante⁵⁵. Portanto, Silva⁵¹ destaca que a proposta do tênis como um esporte mais coletivo pode ser positiva para uma maior adesão à prática e influenciar na permanência destas crianças, contribuindo para a massificação do esporte.

Número e frequência de participações competitivas

O número e frequência de participações competitivas para crianças é um tema que gera muita discussão. Autores da área divergem em relação ao número indicado para crianças em competições esportivas em geral^{17,25,26,35}. No tênis, não é diferente^{34,35}. Quando perguntado aos treinadores, suas respostas variaram consideravelmente. Contudo, a maioria dos entrevistados (2, 3, 4, 6, 9 e 11) mostra-se favorável a um maior número de participações competitivas oficiais (de 6 à “quanto mais, melhor”). Apenas os Entrevistados 1, 5 e 10, para fins de análise, consideram adequados números relativamente baixos de competições oficiais por ano (de 3 a 6). O Entrevistado 7 não soube especificar um número de participações competitivas que considera adequado.

Segundo Marques¹⁷, quanto mais experiências competitivas a criança tiver, melhor será a sua compreensão do significado da competição. Justamente o que foi dito pelo Entrevistado 2, apoiado pelas afirmações dos Entrevistados 4 e 9. Além disso, oito

entrevistados afirmaram realizar ou planejam realizar torneios internos (com regras oficiais) para complementar o que seria, na sua concepção, um número ideal de participações competitivas de seus alunos. Outros dois entrevistados ainda sugeriram a realização de “intercâmbios” entre clubes e escolas de tênis a fim de proporcionar experiências diferenciadas aos seus alunos, nas quais conheceriam pessoas e lugares novos, além de jogar com adversários diferentes.

Nove dos entrevistados afirmaram utilizar atividades competitivas em todas as aulas, corroborando com Marques¹⁷, que não se refere apenas a competições oficiais, mas também às atividades competitivas simplificadas, diversificadas, inclusive nas sessões de treinamento. Esta ideia está de acordo com algumas propostas de ensino do tênis, as quais têm tentado aproximar o treinamento da competição. O próprio *Play and Stay* (base das competições de tênis infantil) ressalta a importância do jogo, consequentemente da competição, no ensino do tênis⁵⁹.

O número e a frequência destas participações competitivas de crianças possui forte relação com a influência na questão das vitórias e derrotas. Quanto mais experiências competitivas e oportunidades de vivenciar as vitórias e derrotas a criança possuir, maior é o potencial educativo das competições. O potencial educativo da relação vitória/derrota é destacado por Marques¹⁷ como fundamental para se ter a competição como estruturante na formação esportiva da criança. Este tema foi frequentemente tratado pelos treinadores durante as entrevistas.

As vitórias e as derrotas na educação e formação da criança

Os entrevistados sugerem que a competição proporciona experiências ricas pedagogicamente, envolvendo questões relacionadas à conduta e disciplina, valores e aspectos sociais. No entanto, o código mais frequente nas análises das entrevistas foi justamente “Saber vencer e perder”, este sendo um elemento fundamental do processo de formação das crianças (ver Tabela 1), corroborando com a ideia de Marques¹⁷.

[...] principalmente pelo fator do aprender a perder e aprender a ganhar – porque tem crianças que não sabem ganhar. [...] nesse formato nós conseguimos fazer com que a criança que perde, absorva [...]. Eu procuro ensinar para eles assim: “a vitória é importante? É! Mas primeiro tem que aprender a perder, tem que aprender a respeitar o adversário, tem que aprender a ter ética, tem que aprender a jogar o tênis de uma forma honesta”. Isso em primeiro lugar (ENTREVISTADO 8).

Segundo Marques¹⁷, é papel do treinador desmistificar a relação vitória/derrota, fazendo com que estas experiências sejam significativas para a criança. Inclusive, para o autor, é possível se aprender muito mais com uma derrota em comparação a uma vitória. Por este motivo, Paccagnella³⁹ sugere que o treinador deva ressaltar o esforço do competidor. Afinal, se tiver feito tudo o que estivera ao seu alcance, ninguém poderá afirmar que não é um competidor de sucesso³⁹.

Está implícito na competição um acordo prévio, no qual ambas as partes buscarão a vitória. Sem esta condição, a competição fica comprometida ou pode-se afirmar que não há competição. Segundo Hyland⁶⁰, *Competitio* significa “esforçar-se juntos”. Nesta condição, cada participante deve alcançar um nível de excelência que não poderia ser alcançado sem um esforço mútuo – sem a competição⁶⁰. Neste sentido, Marques¹⁷ afirma que a competição só tem seu real valor pedagógico no momento em que a criança joga buscando a vitória ou dando o seu melhor. Há, inclusive, no Código de Conduta disponibilizado pela CBT, um item intitulado “Melhor esforço”, o qual estabelece que “o jogador deve usar seu melhor esforço para vencer uma partida quando competindo”⁵⁴. Este item corrobora completamente com o

significado literal da palavra “competição” e com a definição de bom e mal competidor de Shields e Bredemeier^{61,62}, sendo o bom competidor aquele que busca aprender com a disputa e tem a maestria, ou a obtenção do seu melhor, como principal objetivo.

No entanto, “dar o seu melhor” não significa “buscar a vitória a qualquer custo” e nem ter a vitória como único objetivo na competição. Quando se tem a vitória como único objetivo, há um sentimento de frustração eminente. Por este motivo, alguns autores sugerem que haja uma menor ênfase na vitória^{38,40,63,64}. Como referido anteriormente, os objetivos da competição infantil podem ser relacionados ao alcance de metas pessoais, diversão, aprendizado e educação. Para isso, o bom competidor deve se empenhar ao máximo.

Contudo, o processo de formação tendo por base a relação das vitórias e derrotas não passa apenas pelo professor, mas também pelo sistema, ou pelos órgãos que regem o esporte. Neste caso, a supervalorização do resultado pode influenciar diretamente na formação da criança. Os entrevistados que abordaram o tema falaram o seguinte:

Infelizmente, a coisa caiu para o lado competitivo. Até um “ranking” na (categoria) “10 anos” fizeram [...] Não ficou o ideal, não. [...] Em muitos momentos de pressão nós perdemos a capacidade criativa da criança em função dessa pressão, da inserção de “ranking”, de pontos [...] (ENTREVISTADO 9).

A criação de *rankings* não é indicada pela ITF e nem especificada pela CBT. Tennant³¹ afirma que o desempenho é mais importante que o resultado neste período, corroborando com as falas de alguns entrevistados.

Por fim, outro ponto considerado importante pelos entrevistados, e relativo à questão das vitórias e derrotas, são os desvios de conduta em função dos resultados. O tênis, desde sua origem, é destacado por ser um esporte que ressalta a lealdade e o respeito. Estes valores estão inseridos na cultura do esporte de forma que, independente da cultura do país ou do próprio indivíduo, a cultura do tênis se sobrepõe. O rígido respeito às regras e ao adversário, bem como a lealdade são parte de um código de condutas implícito na própria cultura das competições de tênis.

Considerações finais

Apesar das competições de tênis infantil terem sido desenvolvidas levando-se em consideração as crianças desta faixa etária, algumas adequações ainda parecem ser necessárias, na opinião dos treinadores. Entre elas estão: pequenas adequações dos espaços da quadra, para que mais crianças tenham condições de jogar, tornando o tênis um esporte mais inclusivo. No entanto, por que restringir as adequações do esporte infantil a simples versões reduzidas do esporte adulto? “A criança não é um adulto em miniatura, e sua mentalidade difere qualitativamente e quantitativamente da do adulto; de modo que a criança não somente é menor que o adulto, mas diferente deste”⁶⁵. Portanto, além das adequações estruturais, outros ajustes foram sugeridos pelos treinadores.

A necessidade de um maior número de participações competitivas, seja em um mesmo evento, seja no calendário de eventos oficiais foi identificada pelos treinadores. O “saber vencer” e o “saber perder” parecem ser importante no processo de educação e formação da criança, segundo estes treinadores. Sendo assim, a supervalorização dos resultados, a partir da criação de rankings, por exemplo, parece inadequada e precisa ser repensada. Uma maior atenção para a relação empenho/mérito pode ser o mais adequado aos olhos de uma pedagogia antirreducionista.

Pode-se sugerir que a principal contribuição deste estudo de entrevistas com treinadores especialistas, é a proposta de desenvolvimento de competições em

modalidades diferenciadas: competições em duplas e competições em equipes para todas as categorias infantis. Este poderia ser o maior contributo no sentido pedagógico para a competição de tênis, pois, a partir de novos modelos competitivos, seria possível contemplar aspectos a serem aprimorados e que foram citados em outros trechos das entrevistas. A partir de competições por equipes, obtém-se um maior número de participações em um mesmo evento competitivo, por exemplo. Da mesma forma, competições em duplas podem proporcionar uma maior adequação aos espaços da quadra, principalmente no caso da categoria 10 anos. Além disso, se o tênis infantil for repensado como um esporte mais coletivo, esta nova competição pode acrescentar muito em relação à questão das vitórias e derrotas. A essência do esporte pode ser mantida, os aspectos morais e éticos podem ser contemplados, a criança tende a permanecer resguardada em suas características psicossociais e, por fim, o esporte torna-se mais inclusivo, dando oportunidade a todos de participarem e, de alguma forma, terem chances de vitórias, independente do nível técnico.

Pouco se tem produzido sobre as competições infantis, muito menos especificamente à competição de tênis para crianças – realidade nacional e internacional. Este estudo se limitou a analisar este fenômeno pelo viés da educação e formação de crianças a partir do único modelo teórico proposto para tal finalidade¹⁷. Ainda destaca-se a necessidade de estudos complementares a fim de desenvolver modelos competitivos infantis específicos para o tênis e demais esportes – visto as inúmeras características singulares que permeiam cada prática e seu meio – sempre levando em consideração os objetivos a que se propõe.

Referências

1. Pluim B, Stall JB, Windler GE, Jayanthi N. Tennis injuries: occurrence, aetiology, and prevention. *Br J Sports Med* 2006;40(5):415-423.
2. International Tennis Federation [Internet]. Tennis beyond 2000. 2007 [acesso em 05 jun 2015]. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/especiais/tenis2000.htm>
3. Miranda Júnior MV, Russo AF, Coimbra DR, Miranda R. Análise do flow-feeling no tênis. *Rev Educ Fís UEM* 2012;23(4):607-615.
4. Balbinotti MAA, Juchem L, Barbosa MLL, Saldanha RP, Balbinotti CAA. Qual o perfil motivacional característico de tenistas infanto-juvenis brasileiros? *Motriz Rev Edu Fis* 2012;18(4):728-734.
5. Rotta TM, Rohlf IM, Oliveira WF. Aplicabilidade do Brums: Estados de humor em atletas de voleibol e tênis no alto rendimento. *Rev Bras Med Esporte* 2014;20(6):424-428.
6. Mendes PC, Mendes RM, Silva MJ, Luz JM, Dias GN, Couceiro MS. Dispositivo de escoamento aerodinâmico induzido para análise do desempenho do serviço de tênis. *Rev Educ Fís UEM* 2013;24(1):11-19.
7. Aburachid LMC, Greco PJ, Silva SR. A influência da prática esportiva sobre o conhecimento tático no tênis. *Rev Educ Fís UEM* 2014;25(1):15-22.
8. Brandão MN, Cortela CC, Aburachid LMC, Balbinotti CAA, Silva MJC. A trajetória de tenistas infantojuvenis: idade de iniciação, treinamento técnico, cargas, lesões e suporte parental. *Rev Educ Fís UEM* 2015;26(1):31-42.
9. Coutts AJ, Gomes RV, Viveiros L, Aoki MS. Monitoring training loads in elite tennis. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum* 2010;12(3):217-220.

10. Durigan JZ, Dourado AC; Santos AH, Carvalho VAQ, Ramos M, Stanganelli LCR. Efeitos do treinamento pliométrico sobre a potência de membros inferiores e a velocidade em tenistas da categoria juvenil. *Rev Educ Fís UEM* 2013;24(4):617-626.
11. Muniz MAB, Mascarenhas LPG, Grzelczak MT, Souza WB, Pedrassani C, Souza WC, et al. O efeito agudo do treino de alongamento estático dos músculos ísquios-tibiais na agilidade do tenista. *Conexões* 2014;12(2):37-49.
12. Siedentop D. Sport Education: a Retrospective. *J Teach Phys Educ* 2002;21:409-418.
13. Siedentop D. Junior Sport and the Evolution of Sport Cultures. *J Teach Phys Educ* 2002;21:392-401.
14. Freire JB. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Autores Associados; 2003.
15. Paes RR, Balbino HF. *Pedagogia do esporte – Contextos e Perspectivas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
16. Lima T. Alcance educativo da competição. *Desporto e Sociedade*. Lisboa: Antologia de Textos; 1987.
17. Marques AT. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: Gaya A, Marques AT, Tani G, editores. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs; 2004, p. 75-96.
18. Barbanti V. O que é esporte? *Rev Bras Ativ Fís Saúde* 2006;11(1):54-58.
19. International Tennis Federation [Internet]. The 10-and-under competition rule change [acesso em 27 abr 2015]. Disponível em: <http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/rule-changes/the-10-and-under-competition-rule-change.aspx>
20. Thomson RW. Youth sport involvement in New Zealand: issues, images and initiatives. *FIEP Bulletin* 1996;66(1):22-27.
21. Thiess G, Lühnenschloss D, Wille U. La Competición Deportiva. In: Thiess G, Tschiene P, Nickel H, editors. *Teoría y metodología de la competición deportiva*. Barcelona: Paidotribo; 2004, p. 9-67.
22. Gallahue D, Donnelly F. *Educação física desenvolvimentista para todas as crianças*. 4.ed. São Paulo: Phorte; 2008.
23. Papalia DE, Olds SW, Feldman RD. *Desenvolvimento Humano*. 10.ed. São Paulo: McGraw-Hill; 2009.
24. Bee H, Boyd D. *A criança em desenvolvimento*. 12.ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.
25. Rost K. As Competições no Desporto Juvenil. *Rev Treino Desport* 1997;3-10.
26. Arena S, Böhme M. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Rev Bras Ciên Mov* 2004;12(4):45-50.
27. Milistetd M, Nascimento JV, Silveira J, Fusverki D. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. *Rev Bras Ciênc Esporte* 2014;36(3): 671-678.
28. Barrell M. Competition – the key to Play and Stay. *Coach Sport Sci Rev* 2007;14(42):5-6.
29. Tennant M. Appropriate Competition for Mini Tennis. *Coach Sport Sci Rev* 2002;10(28):10-11.
30. Declercq L, Pattyn V. Belgian competitive structure for 10 & under's. *Coach Sport Sci Rev* 2007;15(42):7.

31. Tennant M. Orange to Green: The step to the big court. *Coach Sport Sci Rev* 2011;19(53):9-10.
32. Cortela CC, Fuentes JP, Aburachid LMC, Kist C, Cortela DNR. Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa Play and Stay à luz da pedagogia do esporte. *Conexões* 2012;10(2):214-234.
33. Klering RT. A técnica funcional do tenista: um estudo sobre os conteúdos do treino de tenistas infanto-juvenis de 11 a 14 anos. [Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano; 2013.
34. Fuentes-García JP, Álvarez F. La formación didáctica del entrenador de tênis de alta competición. Cáceres: Universidad de Extremadura; 2003.
35. Bompa T. Periodization: theory and methodology of training. 5.ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.
36. Kröger C, Roth K. Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo: Phorte; 2006.
37. Marques AT. Desporto: ensino e treino. In: Tani G, Bento JO, Petersen RDS, editores. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006, p. 142-153.
38. Palmeira A. Vitórias e Derrotas: Intervenções do treinador. *Rev Treino Desport* 2003;5(22):10-17.
39. Paccagnella M. Como lidar com o insucesso e com o desapontamento: Estratégias para ajudar os praticantes (e os próprios treinadores). *Rev Treino Desport* 2003;5(22):46-47.
40. Fenoglio R, Taylor WG. From winning-at-all-costs to Give Us Back Our Game: perspective transformation in youth sport coaches. *Phys Educ Sport Pedagog* 2014;19(2):191-204.
41. Molina Neto V, Triviños, ANS. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 3.ed. Porto Alegre: Sulina; 2004.
42. Flick U. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
43. Duarte R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cad Pesq* 2002;115:139-154.
44. Brustolin M. Tênis no Brasil: História, ensino e idéias. Rio de Janeiro: Sprint; 1995.
45. Cortela CC, Aburachid LM, Souza SP, Cortela DNR, Fuentes JP. A formação inicial e continuada dos treinadores paranaenses de tênis. *Conexões* 2013;11(2):60-84.
46. Burden P. Teacher development in handbook of research on teacher education. In: Houston, R. *Handbook of research on teacher education*. New York: MacMillan; 1990, p. 311-328.
47. Ericsson AK. The influence of experience and deliberate practice on the development of superior expert performance. In: Ericsson AK, Charness N, Feltovich P, Hoffman R, editors. *The Cambridge Handbook of Expertise and Expert Performance*. New York: Cambridge University Press; 2006.
48. Bardin L. Análise de conteúdo. 6.ed. Lisboa: Edições 70; 2011.
49. Moely BE, Skarin K, Weil S. Sex differences in competition – cooperation behavior of children at two age levels. *Sex Roles* 1979;59(3):329-342.
50. Platonov V. *El Entrenamiento Deportivo, Teoría y Metodología*. Barcelona: Paidotribo; 1988.

51. Silva S. Tênis para Crianças: Manual para pais, filhos e mestres. 1.ed. São Paulo: Via Littera; 2003.
52. Valentini NC, Rudisill ME. Goal orientation and mastery climate: a review of contemporary research and insights to intervention. *Estud Psicol* 2006;23(2):159-171.
53. Federation Française de Tennis [Internet]. Le Baby-tennis: Pour qui? Pour quoi? [acesso em 09 mai 2015]. Disponível em: <http://www.fft.fr/jouer/baby-tennis/le-baby-tennis>.
54. Confederação Brasileira de Tênis [Internet]. Código de Condutas [acesso em 13 de mai 2015] Disponível em: <www.cbt.esp.br/modulos/ft/fmtt/conteudos/78.pdf>
55. Payne VG, Isaacs LD. Desenvolvimento Motor Humano: uma abordagem vitalícia. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007.
56. Gallahue D, Ozmun JC. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3.ed. São Paulo: Phorte; 2005.
57. Haywood KM, Getchell N. Desenvolvimento motor ao longo da vida. 5.ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
58. Marchon JC. Mini Tennis: the french approach. *Coach Sport Sci Rev* 1999;7(17):9-10.
59. Brabenec J. Competition: the most desirable form of training. *Coach Sport Sci Rev* 1999;6(17):3.
60. Hyland D. Competition and friendship. In: Morgan, W, Meier K. *Philosophic Inquiry in Sport*. Illinois: Human Kinetics; 1988.
61. Shields DL, Bredemeier BL. Contest, Competition, and Metaphor. *J Philos Sport* 2011;38:27-38.
62. Shields DL, Bredemeier BL. Why sportsmanship programs fail, and what we can do about it. *J Phys Educ Recreat Dance* 2011;82(7):24-29.
63. McCraw PD. Player development philosophy. *Coach Sport Sci Rev* 2002;10(28):12-13.
64. Monteiro AO, Moraes JC, Carmona EK. Paideia: a base cultural do desporto. *Rev Bras Ciên Mov* 214;22(1):181-186.
65. Claparède E. A escola e a psicologia experimental. São Paulo: Melhoramentos; 1928.

Recebido em 29/09/15.

Revisado em 20/04/16.

Aceito em 06/05/16.

Endereço para correspondência: Gabriel Henrique Treter Gonçalves. Rua Jacob Vontobel 72/202, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre, RS, CEP 90690-080. E-mail: gabrielhtg@gmail.com